

Amambai, 16/12/83

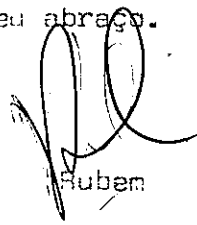
Luiz Caríssimo

Segue o texto sobre Marçal. Se tiver alguma correção para que a redação fique melhor, não deixe de fazê-las. Confio plenamente em vo cê, muito mais que na minha própria redação. Tentei fazer o melhor que pude. As informações são todas fidedignas e passíveis de comprovação ~~se~~ se for o caso.

Enviei fotos para o Rio, para que escolham a melhor que lhes parecer. Segue abaixo alguns esclarecimentos ^{dele as} ~~as~~ ~~das~~ ~~das~~ fotos.

- Foto 1. - Cedida pelo CIMI X . Marçal com o Papa em Julho de 1980.
- Foto 2. - Foto Rubem. ~~Aparece~~ Casa de Marçal em Campestre. Aparece sua roça: mandioca e milho. Ele foi morto na varanda, no centro da casa.
- Foto 3. - Foto Rubem. Casa de Marçal em Campestre. Aqui aparece melhor o local onde foi morto. Exatamente um passo além da menina de bermuda amarela. Um passo para dentro da varanda, claro.
- Foto 4. - Foto Rubem. A foto foi tirada a um passo (para a direita) do lugar onde Marçal foi morto. Aparece no fundo a enfermeira onde trabalhava.
- Foto 5. - Foto Rubem. A foto foi tirada na casa de Marçal na Aldeia de Dourados; estão carregando o caixão de Marçal.

Acho que é isso. Dia 23/12 estarei no Rio. Se for necessário algum esclarecimento, conversaremos. Meu abraço.


Rubem

MORREU, MATARAM MARÇAL DE SOUZA

Em circunstâncias covardes, criadas e planejadas por seu assassino, morreu Marçal de Souza a 25/11/1983. ^{Marçal era} ~~indio~~ indi o Guarani-Nandeva, cujo grupo familiar emigrou do Paraná, passou pelo Estado de São Paulo e, no início deste século, veio fixar-se nas proximidades dos Rios Brilhante e Dourados, onde ~~nasceu~~ ^(24/12/1920) nasceu, cresceu e viveu toda sua vida. Sua trajetória de vida é peculiar. Talvez mais do que qualquer outro Guarani contemporâneo, Marçal dominava com segurança admirável o código e os valores dos homens brancos, com os quais era obrigado a tratar, e a cultura e valores de seu próprio povo. Essa capacidade, canalizada para a luta, que durante toda a vida devotou em favor de sua gente, teria motivado os criminosos, mandantes e executores, a cometerem o crime.

Uma Vida Dedicada

Marçal foi ~~uma~~ uma das pessoas que mais auxiliou ^{ou} a implantação da missão evangélica que há mais de 50 anos atua no Mato Grosso, hoje do Sul, ^{e que assiste os índios, na área} ~~de~~ de saúde e educação. ~~aprendeu~~ ^{ali} aprendeu a profissão de atendente de enfermagem, que praticou até o final de sua vida. Enquanto "índio-crente", perspicaz e inteligente, viajou muito e em muito contribuiu para ^a ~~manutenção~~ manutenção e ampliação da missão à qual devotou fidelidade durante anos. Marçal parecia acreditar, naquela altura de sua vida, que era nesta entidade, pioneira no auxílio aos índios da região, que estaria um caminho seguro para seu povo. Empenhou-se ~~em~~

no seu fortalecimento. A experiência com os missionários, conforme ele próprio reconhecia, possibilitou-lhe o conhecimento "por dentro" do mundo do branco, o que lhe teria dado elementos para enfrentá-lo e combatê-lo. Por diversas vezes, contudo, deixou indicado ter cometido, se não um engano, um encaminhamento no qual não mais acreditava. Posteriormente, com efeito, ~~afastou-se~~ ^{afastou-se} ~~de~~ ^{de} ~~aquela~~ ^{aqueles} ~~missão~~ ^{missões}.

~~_____~~

^{escutão} Foi contratado como ~~aluno~~ ^{aluno} de ~~superiores~~ ^{superiores} da ~~Fundação Nacional do Índio - Funai~~ ^{Fundação Nacional do Índio - Funai}. Os problemas com esta entidade não foram poucos nem menores que os que teve com a primeira. Nos anos que antecederam sua morte, Margal não ~~_____~~ poupava críticas consistentes e fundamentadas tanto a uma como a outra, ^{desconsiderar a existência de} ~~_____~~ ^{_____} seus serviços. ~~_____~~ ^{_____} que deviam dar mais atenção ~~_____~~ para o índio, escutá-lo mais, fortalecer seus líderes, deixá-los caminhar seus próprio passos. Era sobre seu próprio povo, sobre ~~_____~~ os líderes de sua gente, que depositava, no final de sua vida, a esperança para os Guarani.

Nestes últimos anos Margal conviveu intimamente com o conflito. Em 1974/75, como funcionário da Funai, enfrentou sérios problemas na aldeia de Dourados onde trabalhava. Naquele tempo implantou-se ali uma política com a qual não concordava. Em função de problemas existentes entre índios Guarani e Terena, chegou a ser agredido e, sem se quer poder ver sua família, levado para Campo Grande em abril de 1975.

~~_____~~ explicitou com veemência

sua discordância frente às iniciativas e encaminhamentos feitos pela Funai em relação ~~_____~~ ao problema criado na aldeia. ~~_____~~

~~_____~~ Foi transferido para a aldeia de Caarapó, 50 Kms. ao sul de Dourados, ~~_____~~ ^{leste de} depara-se com irregularidades — venda de madeira e de gado — praticadas pelo chefe de posto ~~_____~~ que lá estava. ~~_____~~. Posteriormente, as irregularidades que apontara seriam comprovadas e aquele mal funcionário exonera-

do. Mas ~~_____~~ Marçal já tinha sido transferido para a Casa do Índio, em Campo Grande, onde esteve por cinco ou seis meses. Em 1978 sofreria sua derradeira transferência de lugar de trabalho. Foi atender a comunidade de MBARAKAU, composta por oito famílias Guarani-Kaiowá (perto de 40 pessoas), incrustadas em ~~_____~~ ^{2 1/2 ha.}, junto ao povoado de Campestre, no município de Antonio João, no MS. ~~_____~~

Continuou sua luta. Aliando-se a alguns "civilizados" preocupados com a sorte da comunidade ^{índigena} vizinha, vinha desempenhando esforços junto a funcionários do INCRA, ^{para os Kaiowá} no sentido de conseguir 200 ha. em área contígua aos lotes que conformam Campestre. ~~_____~~. Nestas gestões, segundo alegava, não ~~_____~~ recebeu apoio da Funai. Também não foi atendido quando solicitou a fixação de um chefe de posto para os Kaiowá, o que poderia minimizar a animosidade que parte dos regionais devotava ^{na} ~~_____~~ ^{apela} contra os índios. ~~_____~~

Foi considerada de "subversivo" e "revolucionário"; assim tem atuado quem estava muito influenciado por terceiros, incluindo desleixo em sua capacidade de pensar e agir além.

^{obstinada} Todos os problemas enfrentados por Marçal em sua pertinaz ^{labuta} em favor de seu povo tornam-se mínimos se comparados com a questão da terra de Pirakua. Esta ceifou-lhe a vida. Pirakua é outra comunidade Guarani-Kaiowá, distante aproximadamente 40 Kms. de Campestre. Trata-se de uma área de pouco mais ou menos 1.600 ha. ocupada

por 150/200 indígenas. Localiza-se à margem do piscoso Rio Apa, marco ~~o~~
~~o~~ norte do território Guarani; possui mata ^(medicinal) ~~o~~ exuberante e
 muita caça, constituindo-se ^{em} lugar ideal para habitat Guarani. Ao lado de
 Pirakua, no entanto, está a Fazenda Serra Brava, cujo proprietário, ~~o~~
 Astúrio Monteiro Lima, demonstra há anos uma incoerente cobiça de pos-
 suí-la. É sobre este senhor que recaem as suspeitas de ser o mandante do
 atentado fatal contra Marçal. A este, os índios de Pirakua recorriam quan-
 do sofriam pressões de jagunços da Serra Brava, seja ~~o~~ porque era o fun-
 cionário da Funai mais próximo, seja porque sabiam que ele lhes daria a
 poio.

Os assassinos

As pessoas que acompanharam as investigações ~~o~~
 sobre o homicídio puderam verificar a existência de inúmeros indícios a-
 pontando para o referido fazendeiro. Não foram poucos os testemunhos nes-
 se sentido. Alguns, mais corajosos, foram enfáticos; outros, assustados
 e ~~o~~ amedrontados, foram discretos. Outros, ainda, foram claros ~~o~~
 ao apontar diversas tentativas de pagamento a regionais para que expulsas-
 sem os índios que ocupam Pirakua. Testemunho maior, porém, foi o do pró-
 prio Marçal. ~~o~~ ^{Muitos} pessoas ouviram as queixas que vinha fazendo, me-
 ses antes de sua morte, em relação às ameaças que recebia de indivíduos
 ligados aos interessados em Pirakua. Semanas antes do crime recebeu a vi-
 sita de um regional, que lhe ofereceu Cr\$ 5 milhões para interceder junto
 aos Kaiowá de Pirakua para que abandonassem as terras. A cifra seria am-
 pliada caso Marçal se dispusesse a "ir à Fazenda" para receber o ~~o~~
 dinheiro. "Minha honestidade não tem preço" teria respondido, recebendo
 nova ~~o~~ ameaça de que "iria se arrepender" por sua atitude. Foi, ~~o~~
 efetivamente, uma coincidência incrível que dias depois Marçal recebia
 a visita de dois indivíduos que o mataram sem deixar-lhe qualquer pos-

sibilidade de reação ou defesa.

Crime premeditado

Chegaram à noite, entre 20 e 21 horas. Marçal dormia em seu "rancho", construído por ele próprio a poucos metros da enfermaria que a Funai colocara à sua disposição para atendimento dos índios — uma enfermaria ampla, de quatro peças, construída em madeira e mobiliada. Dormia no ~~chão~~ ^{chão}, como costumava fazer e como costuma fazer grande parte dos Guarani da região. Os criminosos postaram-se em frente de Marçal e ~~ele~~ pediram-lhe remédio para malária. Ainda deitado, respondeu que não tinha aquele remédio. Ao esboçar um gesto para levantar-se, o assassino enfocou seu rosto com uma lanterna que trazia em uma das mãos. Na outra trazia um revólver com o qual desfechou-lhe cinco tiros mortais. O primeiro acertou-lhe a boca. O forte impacto fez com que Marçal caísse de bruço no chão, possibilitando que o assassino atirasse por mais quatro vezes em suas costas. As ~~duas~~ balas perpassaram seu corpo. Cinco dias depois do crime ainda era possível ver as marcas deixadas pelas balas na terra.

- Crime premeditado. Planejado. Realizado por entendidos, segundo especialistas no assunto, e não por índios. Como norma, em casos de homicídio, a primeira pergunta feita pelo policial especialista é: "A quem interessa o crime?". Muitas hipóteses foram levantadas. Que teria ~~se~~ sido em decorrência dos problemas internos à aldeia de Dourados que, com efeito, não são poucos, e ~~o~~ ^{os} Marçal estaria ligado. Que teria sido praticado ~~o~~ por um índio de nome "João", apontado como alcoólatra inveterado, perambulante, mas que quando preso deixou transparecer apenas uma ~~passividade~~ ^{passividade} e uma mansidão muito grandes. Que o crime seria

passional ! Mandado executar pela esposa de ~~se~~ Marçal ! Esta hipótese, veiculada pelo Governo do ^{MS/} ~~Estado~~ foi, indubitavelmente, a mais absurda. Basta estar ~~alguns~~ alguns minutos com esta mulher para reconhecer a impossibilidade do ^{A/} ~~aventado~~. Versão decorrente de um mal entendido? Ou seria uma informação veiculada à opinião pública para defender interesses ~~dentro~~ dentro do Governo estadual conectados com os interessados nas terras de Pirakua?

a impunidade

Mas como provar a ~~autor~~ autoria do crime? Como chegar ao responsável pelos tiros? Como comprovar a participação de um mandante poderoso, rico, num país onde cotidianamente ocorrem crimes de natureza semelhante? : Quem não se recorda do caso, até hoje impune, do índio Kaingang Angelo ~~de~~ Cretã? Ou dos seis outros Kaingang mortos em ~~Guarita~~ Guarita ainda este ano? Ou dos índios Pataxó, Mexaca li, Cariri, todos mortos em função ~~dos mesmos~~ dos mesmos ~~problemas~~ problemas? Ou dos espancamentos em índios Potiguara? Em qual destes inúmeros crimes ~~teria~~ teria sido feito Justiça? Isso, sem falarmos nos assassinatos de ~~camponeses~~ camponeses ou nas injustiças cometidas nos centros urbanos contra os menos favorecidos. A realidade vivida pelo nosso país hoje não nos permite isolar o assassinato de Marçal. Herança de uma política cujo valor principal está centrado num autoritarismo militarizado e onde o capital tem prioridade em detrimento do trabalho, vivemos uma situação onde os latifundiários, ^{os que desfrutam sempre mais e mais, lucros,} ~~os ricos~~ os ricos proprietários, ^{dentro destes,} são aqueles que ordenam a condução do país e que, impunes, matam, subornam, corrompem.

o homem

Marçal era um homem magrinho, pequenininho, franzino.

Mas era um lutador de fibra. Em Guarani o termo "ÑE'Ë" possui

ao mesmo tempo dois significados: palavra e alma. "ÑE'Ë": esta era

^{Sua palavra} sua arma. E ele se agigantava quando explicitava sua alma/pa

lavra. E soube usar com extrema habilidade esta sua arma contra os

poderosos. E foram estes contra quem ele lutou tanto e denunciou com tan

ta propriedade em favor dos índios do país que, certamente, o mataram.

Sua inteligência, sagacidade e perspicácia

[Redacted]

^{lhe permitiam um domínio}

não só de seu próprio mundo ^{como} mas também o do "civilizado". Este domínio de

um e outro lado do universo que cerca as populações indígenas do

Brasil de hoje — e principalmente o dos Guarani — fizeram com

que Marçal ampliasse consideravelmente seu raio de ação, superando

limites nacionais. Era frequentemente solicitado a dar palestras, a par

ticipar de reuniões; era consultado por Antropólogos e entidades de apoio

ao índio, que gostariam de tê-lo em seus quadros. Chegou a ser convi-

dado, e declinou do convite, a ser deputado por seu Estado. Por duas

vezes foi porta-voz dos indígenas brasileiros. A primeira quando o Papa

visitou o Brasil, em 1987. Seu discurso impressionou o Santo Padre que

quis saber se a fala de Marçal tinha sido preparada ou

improvisado, ^{de} causando-lhe surpresa saber que tinha sido ^sespontânea. Na

ocasião, falando em português preciso e objetivo, Marçal explici-

tou de forma plena sua Alma: "Leve o nosso clamor, a nossa voz por outros

territórios que não são nossos, mas que o povo, uma população mais huma-

na, lute por nós, porque o nosso povo, a nossa nação indígena está desa-

parecendo do Brasil. (...) As tribos indígenas brasileiras estão sendo massacradas, exploradas, mortas por pistoleiros que nos matam como animais. No descobrimento do Brasil, eramos uma grande nação e hoje vivemos como um povo à margem deste país, sem nenhuma condição de vida. Hoje estamos sendo assassinados, vivemos na miséria, assassinados que somos pelos que têm o nosso chão desse grande Brasil, chamado de país cristão." Posteriormente, no final de 1982, Marçal foi novamente escolhido para representar os indígenas brasileiros, desta feita em reunião da Organização das Nações Unidas que discutiu, em Boston, E.U., a exploração de minérios em territórios indígenas do mundo todo.

Este homem que teve acesso total ao mundo do "civilizado", que discursou ao Papa, que viajou muito, que foi considerado por um dos maiores intelectuais do Brasil "como o maior intelectual do Estado em que nasceu", morreu sobre a terra, sobre o chão batido do "rancho" que havia construído. AVA HAIXA OMANO HAGUE MARÇAL. AVA ETE VOI — Marçal morreu como Homem/Guarani. Como verdadeiro Homem/Guarani.

Para os que desejam manter as condições dos índios brasileiros sem buscar melhores alternativas; para os que entendem como único caminho a inexorável assimilação dos índios à sociedade brasileira; para aqueles que pouca ou nenhuma importância dão ao destino das populações indígenas no País; para os latifundiários, os burocratas, as missões de fé, Marçal não passava de um "criador de caso". "Um calo no pé da Funai e do Governo", como dizia. Mas a "sabedoria", o conhe

cimento de Marçal estava todo canalizado no sentido da mudança da situação de opressão e discriminação que recaí sobre os povos indígenas no Brasil. Neste sentido Marçal era um Revolucionário, um homem que fez História e, antes de mártir, foi um herói. Quando os filhos lhe pediam que deixasse aquela vida de luta, respondia, *"este é meu ideal"*. Um dos seus filhos, na semana que seguiu à sua morte afirmava, não sem uma certa emoção, que não valeu pena a luta de seu pai e que sua vida tinha sido pautada sobre um ideal sem sentido. A nós, que apesar de não-indiós procuramos lutar junto às populações indígenas para que tenham possibilidades reais e concretas de definir sua própria vida, seus caminhos e de fazer sua própria história, ficamos com a responsabilidade de de *cada vez mais* ~~carregar~~ de sentido, o ideal que levou Marçal à morte.

Rubem Thomaz de Almeida

Brasília, 16/12/83